

ALVORADA

2.º Ano

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Número 97

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da República
GUIMARÃES

Redactor principal,
A. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da ALVORADA
Guimarães, 26 de Setembro de 1912

Secretário da redacção,
Capitão L. A. Pina Guimarães

Officinas de composição e impressão
Tipografia Minerva Vimaranesse
R. DE PAIO GALVÃO

Uma interessante palestra com o sr. Mariano Felgueiras, presidente da Câmara Municipal, sobre coisas da nossa terra

Há muito tempo que pensávamos em entrevistar o sr. Mariano Felgueiras, actual presidente da Câmara Municipal, a fim de satisfazermos uma curiosidade muito legítima, filha do desejo que temos de que a nossa terra progrida cada vez mais e se imponha por modo especial à consideração de quem a visite, prodigalizando ao mesmo tempo aos que aqui nascêram o bem-estar que necessariamente resultará das boas condições materiais em que ela se encontra.

Essa curiosidade, realmente muito legítima, consistia na vontade que tínhamos de saber ao certo o que é que a Câmara pensava em fazer agora, mais digno de especial referência, não obstante toda a gente reconhecer que a nossa terra se tem por completo modificado, no tocante ao seu aspecto material, desde que a República foi implantada, o que equivale a dizer-se desde que a Comissão Administrativa nomeada no tempo do Governo Provisório tomou conta dos destinos do nosso Município.

Prêso, porém, dum natural acanhamento e convencidos de que o sr. Felgueiras não podia desperdiçar muito tempo com satisfazer a nossa curiosidade, iam adiando de dia para dia a projectada entrevista. Mas como a vontade, o querer insofrido, nos não largasse, sempre conseguimos vencer em nós o inimigo acanhamento e dirigimo-nos ao illustre presidente da Câmara, interrogando-o sobre qual seria o melhoramento mais importante com que ainda, porventura, a edilidade a que presidia tencionava dactar a nossa terra.

Não nos será possível reproduzir tão fielmente como seria para desejar a palestra que então se estabelece acerca de todas as coisas da nossa terra, ainda as de somenos importância. Mariano Felgueiras fala com tanto entusiasmo e verbosidade sobre tudo o que se relaciona com o progresso material desta cidade, demonstrando que tem estudado atentamente a questão sob todos os seus múltiplos aspectos, que não podemos tomar as necessárias notas para que a reprodução seja exacta.

Todavia, vamos tentar um esboço e cremos que, mesmo em face d'ele, os nossos leitores terão azo para apreciar a vontade que a Câmara tem de melhorar quanto ser possa a velha cidade de Guimarães.

Convém que se diga que não se trata dum réclamo á vereação que actualmente se encontra administrando o nosso Município, porque nenhuma necessidade há de o fazer; simplesmente se trata de constatar factos que por si só se

impõem aquêles que, livres de paixões, se acostumaram a conferir justiça a quem a ela mostre ter direito.

—A Câmara—princípios o sr. Mariano Felgueiras—tem em mente realizar uma obra em que, aliás, há muito se fala, mas que deve vir a constituir, por diferentes razões, um dos mais belos e mais úteis melhoramentos para esta terra. Compreende, meu amigo, que a cidade de Guimarães carece absolutamente de estender-se, de alargar-se, indo em busca de ar que não tem, de higiene que não pode, por mais que se faça, encontrar no seu centro. Pois, realiado que seja tam importante melhoramento, estou certo de que terá ensejo de gosar d'esses bens, que são os maiores a que uma população trabalhadora e já assás numerosa, como é a nossa, deve aspirar.

Trata-se, como certamente já adivinhou, de fazer um parque em volta do nosso velho castelo roqueiro, mas em condições talvez ainda ignoradas da maior parte dos vimaranenses. Imagine que, dentro d'esse parque, vão ficar três das nossas mais belas relíquias históricas: o castelo, a igreja de Santa Margarida e as ruínas do paço dos Duques de Bragança, poisque a parte que até agora tem sido destinada a quartel de infantaria 20, desaparecerá, de modo que fique restado somente o que aquêlê paço pertencia.

Parecendo que não, o parque virá a abranger uma área bastante grande—e mostra-nos uma planta onde essa área está claramente indicada—acrescentando em seguida, visivelmente entusiasmado, que, no seu entender, ha de ser belo o poderem contemplar-se ali, dentro daquêlê recinto de verdura, os três monumentos de que nos falou.

Mas isto não será tudo: podem lá estabelecer-se, fartamente alimentados, repuxos e chafarizes, e, como em certa época do ano a água escasseia na cidade para determinados usos, também podem ser estabelecidos reservatórios a que se recorra quando essa falta se faça sentir; podem abrir-se ruas em várias direcções, e aqui está o caso de alargar-se a cidade para aqueles lados, onde o ar é sem dúvida muito mais puro do que aqui, na parte baixa; e, finalmente, talvez que apareça alguém que se lembre de mandar construir casas, muitas casas, de que está bem precisada a nossa população.»

Parece que nos deveríamos confessar satisfeitos nesta altura, visto como conseguimos saber o que mais particularmente nos interessava. Porém, a conversa pro-

seguiu, cabendo-nos agora perguntar ao sr. Felgueiras:

—E o quartel de infantaria 20, que, como disse, desaparecerá do logar em que actualmente se encontra, isto é, de junto do antigo paço dos Duques de Bragança, onde irá estabelecer-se?

—No Proposto, responde-nos o sr. Felgueiras. E no Proposto porque, segundo opiniões autorizadas, sendo uma delas a do ex-ministro da Guerra, tenente-coronel Silveira, o local é muito melhor para o efeito. Apênas haveria a acrescentar um andar às casas que ali existem e onde já está, como sabe, aquartelada uma parte do regimento. Devo ainda dizer-lhe que o referido ex-ministro da Guerra, quando da sua visita, há meses, a esta cidade, não teve dúvida em afirmar que, enquanto gerisse a pasta da Guerra, não autorisaria qualquer despêsa com obras no antigo quartel. Todas as atenções deveriam voltar-se, em seu entender, para o quartel do Proposto.

—Permita-nos, sr. Felgueiras, já que se mostra disposto a aturar-nos, que lhe perguntemos ainda, com verdadeiro interesse, porque será que a Câmara, que tão boa-vontade tem mostrado em bem cumprir a sua missão, não tomou já a iniciativa de mandar construir um bairro operário, ou coisa semelhante, atenta a grande falta de casas que se nota na nossa terra? Não lhe parece que, se se realisasse esta obra, que entre nós poderia considerar-se uma verdadeira obra humanitária, a população vimaranense, quasi em péso, ficaria eternamente grata á Câmara?

—Olhe, meu amigo, a Câmara, apesar de injustamente apreciada por alguns vimaranenses que parece que entendem que quem ainda lá devia estar eram os antigos servidores da monarquia, não descurou esse assunto de magna importância, sobretudo para o operariado da nossa terra. E que não descurou, prova-o o que passo a expor-lhe: Antes de serem transformadas em quartel as casas que existem no Proposto e de que já falamos, esforçou-se a Câmara por conseguir do Estado que elas lhe fossem gratuitamente cedidas, a fim de as destinar a habitações de operários, mas em vão. Pensou também em aproveitar o terreno do antigo cemitério para construções para famílias pobres, e, para esse fim, pediu ao governo que puzesse em praça esse terreno com a expressa condição de que o adquirente deveria utilisá-lo em tais construções; porém, o governo mandou pôr em praça o terreno sem a pretendida condição, e a Câmara, sempre interessando-se pelo assunto e convencida de que o Governo procedera conforme a lei, visto tratar-se daquele terreno, conseguiu sustar a praça para pedir autorisação para ela própria se encarregar de o pôr em arrematação com a aludida clausula—

mas até agora não lhe foi concedida.

Há quem diga que a Câmara podia mandar construir o bairro de que me fala, mas, se não me engano, tal não pôde ser. Isso faz-se no estrangeiro. Os bairros operários que existem em Portugal pertencem a empresas particulares. Como quer que seja, a Câmara não pode, por diversas razões, occupar-se do assunto, senão pelo modo que acabo de referir-lhe.

—E a cadeia nova? Que nos diz dessa pinha de granito que fica fronteira à Penha, a bela altitude montanhosa onde se respira o ar que tonifica os pulmões, alegra e avigora? Fica assim, apático, esse montão de pedras que dá ideia duma penitenciária em miniatura?

—Não, não fica, não pode mesmo ficar assim, responde-nos. O que não é possível é fazer-se tudo num dia... Demais, o pessoal da repartição de obras é pouco... Pois não sabe que a obra que foi preciso fazer-se no extinto colégio de Santa Luzia levou nada menos de três meses?! E mais tratava-se duma obra bem simples, que podia concluir-se em curto prazo.

E é por isso que uma vereação mal pode, durante o tempo da sua gerência, levar a efeito obras de grande tomo.

Mas a cadeia... a cadeia há de concluir-se, modificando-se o plano primitivo. Contudo, ficará sendo um presidio, já que, infelizmente, isso ainda é necessário.

Como para uma cadeia correcional se não exige o isolamento, pensa-se em construir, de madeira e ferro, um terceiro andar com janelas bem rasgadas por onde a luz entre a jorras, para ali trabalharem todos os prêso, que irão comer e dormir ás celas já feitas.

A obra não ficará cara. O que é preciso é vencer as dificuldades que a repartição de obras suscita.

De resto, meu amigo, parece que quem tratou da construção da nova cadeia apênas quiz ter em vista que todos os prêso pudessem, duma assentada, ouvir missa das suas celas... Foi a missinha, veja lá, a causa determinante da construção daquela horrorosa cadeia, à laia de penitenciária, em miniatura, como muito bem disse.

—Por uma associação de ideias, fácil de calcular, lembramo-nos agora da nossa policia. Não pensa a Câmara em reformar a policia, espécie de batalhão de... descuidados, que em vez de moralisar, desmoralisa?

—Ai! a policia! — exclama; é tudo quanto há de pior! Precisa-va dum dirigente á altura, disciplinador, prudente e brioso, empenhando-se em ter sob as suas ordens um punhado de homens que servissem para alguma coisa.

Porque, deve dizer-se, a policia podia servir para muito, ser até um óptimo auxiliar da Câmara. Mas não, não é. Os maus hábitos duma parte da população, não

desaparecem por completo porque a policia não se dispõe a cumprir rigorosamente os seus deveres. Convenho, acrescenta, que o chefe da policia devia perceber melhor remuneração e que o número de guardas devia ser aumentado; todavia, a Câmara entende não dever proceder por agora assim, porque o povo não acharia bem que se aumentasse a despesa com a policia.

Dai o não se pensar por enquanto em qualquer reforma a seu respeito.

Era tempo já, nesta altura, de pôrmos ponto na interessante palestra. A medida que tomavamos as nossas notas, iam calculando o espaço de que podiamos dispôr no jornal. E agora, o original quasi ultrapassaria os limites que eramos obrigados a estabelecer.

Despedimo-nos, pois, muito gratos á penhorante atenção com que fôramos aturados pelo sr. Mariano Felgueiras, o qual, ainda nesta altura, nos diz com decisão:

—A Câmara pôde fazer muito, desde que tenha gente que se disponha a trabalhar. A maior parte das vereações transactas só se inquietavam com a politica, de modo que os vereadores limitavam a sua acção a dispensar favores aos seus amigos, caindo a breve trecho numa perniciosa indolência que os inutilisava por completo.

Foi, atenta esta orientação, que Guimarães não progrediu em devido tempo quanto era para desear.

Olhe: as dificuldades máximas com que temos esbarrado, são de caracter burocrático; verdadeiras ninharias levam tempo infinito a resolver.

Veja que as bases do nosso Internato ainda o outro dia foram aprovadas!

CARTA DE LONGE

Sr. Redactor e meu amigo:— Evidentemente que, desde que se afirma de um modo categorico não haver «intuito reservado nem a ideia de atingir determinadamente quem quer que fosse», só tenho que lamentar, e com profunda máguá, que o artigo que deu origem á minha carta não tivesse sido suficientemente claro, suficientemente explicito, antes tivesse sido feito de modo a prestar-se facilmente a muitas interpretações. Lastimo ter sido levado a pensar o que pensei, pois se tratava de um homem a quem estimei e a quem jamais poderei esquecer. Mas concordemos que a culpa foi d'ele e só d'ele.

A que deploráveis situações nos está arrastando o rumo actual da politica portuguesa!

Cria-me com muita simpatia,

Alfredo Pimenta.

Notas & Factos

O acôrdo luse-hespanhol

Já foi referendado o acôrdo luso-hespanhol, que liquidou por modo satisfatório para os dois paizes, o decantado incidente dos não mênos decantados conspiradores.

Havia por aí quem ainda duvidasse da veracidade das noticias que anunciaram, como sendo um facto, a existência do documento que veio acabar de vêz com a lenda da conspiração tramada em terras de Hespanha. E talvez tivessem razão, os scepticos. Habitados como estavamos a baixêssas sem qualificativo, no tempo da monarchia, não seria crível que a República, tam joven ainda, conseguisse tanto.

Mas conseguiu... porque *quer é poder*.

Maus vimaranenses

Devem considerar-se assim todos os que a estranhos forneçam elementos para que da nossa terra vão dizer mal.

Infelizmente há aqui muito que criticar, mas deve guardar-se para nós o remoço, para nós somente a maledicência acerca das coisas de Guimarães.

Maus vimaranenses tem sido a causa do descrédito desta terra, que, por muitos titulos, é digna de ser louvada por quem nos visite.

Ainda há pouco a cidadão Tomaz da Fonseca, a cujo talento, apesar de tudo, queremos prestar homenagem, teve ensejo de dizer coisas e loisas de Guimarães, porque aqui houve quem se prestou ao ridiculo papel de só lhe transmitir novas do que cá temos de mau, pondo de parte o que de bom existe e que o nosso visitante não deve ter encontrado em muitas terras do norte de Portugal.

Se não tomarem emenda essas criaturinhas do Senhor, que não merecem a simpatia de nenhum dos bons vimaranenses, daquêles que, acima de tudo, prezam o bom nome da sua terra, vêr-nos-emos dentro em breve mal conceituados por toda a gente e como que sequestrados do resto do país.

Ora o maduro!

Os senhores sabem-nos dizer se umas festas, ainda que «afamadas» e «cheias de vida» como as *Gualterianas*, podem fechar com alegria, com entusiasmo, com ardor popular, se se dá o caso de tais festas terem sido adiadas, e, o que é mais, — com a agravante de uma «chuva miudinha» em ameaça? Por certo nos responderão que festas adiadas, e, demais a mais com prenúncios de chuva, não podem oferecer *contraste* se não com festas realisadas com iguais contingências!

Porque se impressionaria, pois, certo articulista com o remate das *Gualterianas* deste ano a ponto de lhe chamar «festas aristocrático-populares»?!

Porque se comoveria, finalmente, tanto, a ponto de recordar com saudade palerma as festas que tiveram lugar... antes da República?!

...E são estes os processos de combate que contra o regimen adoptam os maduros que escrevem fundos no *Imparcial*...

Justiça foi feita

Em satisfação da justissima campanha aqui travada contra o abade que pastoreava, com escândalo pelo seu viver de devassidão, a freguesia de S. Torquato, foi este suspenso depois de uma sindicância ordenada pelo arcebispo. De onde se prova que para alguma coisa vale um jornal como o nosso...

Que faria, se fosse... Farria!

—Se em Portugal houvesse uma lei que obrigasse os jornalistas a apresentar pelo menos exame de instrução primária, não se leria tanta burrice em letra redonda. Esta monstruosidade de raciocínios pertence ao maduro que escreve fundos no *Imparcial*, demonstrando-nos assim que tem diplomas... não de ser pessoa criteriosa, inteligente, perscrutadora e sabida, mas só isto: — *que tem diplomas de exames!* Seguido desta forma o sistema das proporções, vejamos que calamidade, que desgraça se este maduro chegasse a doutor! Seria até capaz de impedir a entrada no panteon nacional ao próprio Alexandre Herculano, visto rezarem as crónicas dos tempos que este historiador insigne, glória da sua patria, não possuia o modesto diploma de instrução primária.

O censo da população de Portugal

Anunciam alguns jornais que já está a imprimir-se o 1.º volume do Censo Geral da População de Portugal, em 1 de Dezembro de 1911, extraindo d'ele interessantes notas e quadros comparativos de vários géneros de estatística especial.

Com efeito são para considerar muito e muito interessantes essas notas ou resumos do volume prestes a publicar-se, porquanto se verifica que a população portuguesa tem aumentado extraordinariamente, não obstante pela mesma forma haver aumentado a emigração, sobretudo nos últimos tempos.

Comparando-se o número actual da população, que é de 5.975.000, com o da existente em 1801, que era de 3.115.000, vê-se que quasi duplicou, sendo fácil concluir-se que a média do aumento anual é proximoamente de 1 por cento e superior ás da Austria, Hungria, Itália, Espanha, etc.

Confrontando-se com o nosso os últimos censos, alguns dos quais muito recentes, da Grécia, Dinamarca, Sérvia, Suissa, Bulgaria, Suécia, Holanda e Romania, verifica-se que a população de Portugal é superior à de qualquer desses paizes.

Os distritos em que se notou maior crescimento foram os de Lisboa (163.000), Porto (49.000) e Braga (56.000).

De tudo isto se conclue que Portugal tende a desinvolver-se, a ser grande e poderoso, apesar da má vontade de muitos que nos consideravam de todo liquidados.

Bem deliberado

Já a feira do pão vai ter lugar no largo da Misericórdia, e, valha a verdade, que muito bem ela ali fica, tendo por isso que felicitar a Câmara por haver deliberado de acôrdo com o que aqui alvitramos.

Um caso burlêsco

Ha pouco tempo desapareceu desta cidade um certo negociante assás conhecido entre nós pela sua antipatia ao regimen, e ao qual, logo a seguir, foi aberta falência, atento o estado financeiro, muito pouco airoso, em que se encontrava.

Havendo-se procedido, consequentemente, ao arrolamento dos bens do falido, foi encontrada entre êles uma fotografia em grupo, em que figuravam, além do negociante, três dos seus amigos, um dos quais é nosso correligionário.

Pois querem saber o que o negociante fez ao retrato daquêles que não comungava nas suas ideias, isto é, ao nosso correligionário?

Depois de tentar, talvez com uma navalha, fazer desaparecer o rôsto do fotografado, o que não conseguiu, deliberou cubri-lo de tinta, de modo a não ser conhecido senão pelo resto do corpo que ficou tal qual estava; depois d'êste assassinato, colou o negociante num dos cantos da fotografia um bocado de papel em que escreveu o seguinte epitáfio: «Aqui jaz um homem sem valor perante a sociedade. Perdeu todo o seu valor por ser um equilibrado».

Além de mau, o negociante era um estupidíssimo, porque pretendendo, como claramente se infere, achincalhar o seu amigo, em vez de desequilibrado chamou-lhe... equilibrado!

A's vezes a p'na foge-nos para a verdade, ainda que o não queiramos.

Se pudessemos!

Bateu à nossa porta uma criatura que nos disse, toda chorosa, ser teceadeira, viver em companhia de sua mãe, velha e cega, a quem alimenta, ter dois filhos ainda menores e ser natural de S. Torquato.

—E o que quer de nós?—perguntamos, se para providência não temos cara.

—Que lhe conseguissemos do pai das crianças um subsídio para alimentação dos seus dois filhos.

—E quem é êle?—interrogamos a desventurada, sem esperança de lhe podermos valer, tam intenso se tornou este quadro.

—E' o padre Guilhermino, aquele que acaba de ser expulso da freguesia de S. Torquato!...

Em nome da mãe enviar-lhe emos, em breve, o respectivo requerimento.

TEMPLOS

Creio que dentre todas as igrejas antigas de Portugal, que despertam a nossa admiração pelo seu lado artistico, a Matriz de Vila do Conde é uma daquelas que melhor concretisam a arquitectura manuelina, filiada, segundo a opinião geral, na Renascença, e uma das poucas que se encontram carinhosamente restauradas. Basta contemplar o seu pórtico de mimosos rendilhados, com as esféras armilares encimando-o e outros motivos decorativos próprios d'esse estilo ingenuamente nacional, para logo ajuizarmos da sua vetustez e época inicial.

Infelizmente, como aliás era de esperar, não ficou indemne dos vandalismos que prodigamente se cometeram em quasi todas as igrejas do país, e assim os seus presentes vitrais são, certamente, um moderno fabrico imitando os primitivos.

Mas o restante do templo apresenta-se bem conservado e limpo de enfeites vergonhosos, exceptuando o altar-mór e alguns laterais de moderna talha. A beleza das suas tres naves, divididas por altas e graves colunas, recorda as belas catedrais góticas, de que possuímos raros exemplares, mas a Batalha não basta para desvanecer do legitimo orgulho.

Quando vejo assim um templo tão estimado como se fôra um simples monumento artistico, ou uma dessas grutas de mármore naturais, onde as estalactites se casam em beijos de espuma granítica com as estalagmites, e sem que os prosélitos de novas religiões o tenham ultrajado, na sua ira iconoclasta, eu lembro sempre a pobre Colegiada de Guimarães, que tão beia seria se a não tivessem mascarado os maus reformadores do século passado. E foi tão cego e desorientado o proceder de tal gente, que difficilmente e muito avultadas somas demandaria uma consciante restauração, se, por vezes, não fôsse quasi impossivel.

Tive um dia occasião de ver que

uma curiosidade louvável (julgo que do sr. cônego Ribeiro) fez descobrir um pouco de tabique, para ver a obra de pedra dum arco da igreja, que me appareceu douçamente colorido (embora em tons desmaiados já) à maneira de outros que em diversos templos tenho visto. Mas como seria profundamente contrastador artancar toda essa calça e não achar os lindos azulejos, desnudar os capiteis e encontrá-los barbaramente mutilados, desguarnecer os arcos e não lhes deparar as curvas graciosas! E nessa torturante e desoladora canceira, achar apenas o esqueleto desconjuntado dessa valiosa reliquia ogival! Com que mágoa assistiriam olhos amigos do Belo a essa enorme desilusão?!

E dir-se há que ao entrarmos nessa igreja, nos achamos dentro dum templo moderno e asseado, com frisos doirados e estuques de floridas estilisações, onde até parece que há estofos e almofadas para os joelhos delicados de finas damas...

Já por algumas terras do país se tem iniciado essa obra de restauração archeológica que é não só um alto ensinamento artistico para as gerações atuais, como permite legar aos vindouros essas joias de tão reconhecido valor architectónico e que são, ao mesmo tempo, preciosos documentos para a história da civilisação. Algumas já se encontram completamente restauradas, como sejam a Sé velha de Coimbra; trabalha-se ainda na restauração d'outras, como a Sé românica de Lisboa.

Eu sei que há cérebros *avanzados* que proclamam, na efervescência de suas theorias, que os templos do Catholicismo se devem derruir, em geral, sem respeito, não pelas suas divindades, mas pelo encanto da sua arte!

Como reconstituir assim, em eras posteriores, a história da humanidade, vendo soterradas para sempre as pedras que a edificaram? Então, como se justificaria a admiração e o amor a êsses antigos templos gregos, cujos olímpicos deuses, de que ainda nos fala a mitologia pagã, passaram dos seus tronos e altares, onde lhes rendiam sagrado culto, para o mundanismo dos museus, em que lhes estudam a bela plástica os cultores da moderna estatuária? Quando hoje pela Italia, em escavações cuidadosas, se vislumbram vagos sintomas de ruínas,—com que entranhado afan não cuidam em levantar de novo, pedra a pedra, toda uma cidade morta! Esta é a prova mais segura de que o evolucionismo das ideias e a prática de novas doutrinas, por mais nobres que elas sejam, devem conservar de pé — não para o fanatismo dos crentes, mas para lição e enlevo de gerações futuras — êsses monumentos de rendilhados e esguios corucheus que parecem, às vezes, querer tocar com suas pontas nas trémulas estrelas...

Não defendo a necessidade de poupar todas as igrejas, mesmo quando elas nada apresentem de curioso, porque tantas há que unicamente merecem o camarteio e... uma boa applicação da sua pedra. Porém aquelas que são verdadeiras obras primas, que nos seus menores detalhes ostentam caprichos de inspiração, formas vagas de sonho, buriladas em granito, numa aspiração insaziavel de beleza imortal—como quem concebera um canto de ceu na terra para adorar o seu deus,—essas não lhe toqueis, rodai-as antes de jardins, em que a sua folhagem teça um cinto de verdura à dureza da sua pedra. E quando de todo se apagar, nas almas simples e ingénuas, a fé nos milagres dos santos e, desde essa hora, se apagarem também os círios que lhes ofertavam, não as profaneis nunca com a irreligião de vossa indiferença, porque conheço uma só coisa que mereça todo o nosso amor — a Beleza.

Jerônimo de Almeida.



Conferências

O nosso conterraneo Alfredo Guimarães realisou duas conferencias na praia da Póvoa de Varzim intituladas — «Os janotas da praia» e «Cartas de namoro». O seu trabalho foi muito apreciado, sendo por isso justamente aplaudido. Parabens.

Opúsculo

Recebemos do sr. Fonseca Baptista um trabalho onde desenvolvidamente trata da sua defesa como empregado superior da Casa da Moeda. *Verdades Duras* é o titulo.

Promotor

Consta-nos que as diligências a que veio proceder o official do estado maior do exército sr. Tenente Valdez, terminarão brevemente.

Nomeação

A firma comercial Fernandes Guimarães & Irmão, da rua da República, acaba de ser nomeada depositária da pólvora do Estado.

A mesma firma é também agora agente da Companhia de Seguros *A Vitória*.

Novo edificio escolar

No domingo último realisou-se em S. Torquato a cerimonia do lançamento da primeira pedra para a construção dum novo edificio escolar. Assistiram os srs. governador civil do distrito, presidente da Câmara, dr. Eduardo de Almeida, e outros.

Depois houve um comício em que fizeram uso da palavra diferentes oradores desta cidade e da de Braga, inclusivé o sr. governador civil.

Editais

Vêm-se afixados editais, nos logares do estilo, convidando os contribuintes a examinarem a matriz da contribuição de renda de casas e sumptuária d'êste concelho. O prazo para as respectivas reclamações começará em 1 e terminará em 10 do próximo mês de Outubro.

Prisões

Foram effectuadas as dos srs. Aureliano Fernandes e Joaquim Mendes, desta cidade, para averiguações acerca do caso da conspiração.

Festas de 5 de Outubro

Activam-se os trabalhos para as festas a realizar em 5 de Outubro, em comemoração do 2.º anniversário da proclamação da República.

No próximo número daremos o programa das festas.

«Os dois garotos»

No próximo domingo, 29 de Setembro, no Teatro Gil Vicente, subirá à scena o drama em 5 actos e 8 quadros de G. Decourcelle «Os dois garotos».

Neste espectáculo farão a sua estreia os artistas Julia Coutinho e Lucena Coutinho.

Assistência

Nos dias 4 e 5 de Outubro, todas as correspondências postais, com excepção dos jornais, levam, além do porte, mais uma estampilha de 10 réis (assistência).

A NOSSA POLICIA

O officio de policia não é degradante como a muitos se afigura. É, pelo contrario, honroso para aquele que o exerce, desde que haja compreendido e desempenhe o papel que lhe foi distribuido por fórma a nunca merecer a mais leve censura por parte dos que lhe confiaram tão nobre missão.

¿Pois não será devéras dignificante assumir a função de, com bons intuitos, vigiar os outros, evitando que eles, em detrimento dos seus semelhantes, cometam actos que vão de encontro à liberdade, à segurança, ao bem-estar, que resulta da paz entre os homens?

¿Depois, investigar com seriedade, com verdadeiro interesse de conhecer com exactidão o que se passou em determinado momento e de que alguém, ofendido, se queixou, não será porventura sobremodo distinto, senão até altruista?

Sim, porque o policia, não aquele que mancha a sua farda envolvendo-se em scenas degradantes, pôde, no exercicio do seu mandato, praticar o altruismo quintessencial, qual é o de ser punitoroso mantenedor da ordem pública, visto como elle vem a ser, pelos poderes que a lei lhe confere, a própria *Ordem, a Paz, a Harmonia*, quando saiba fazer conveniente uso das prerogativas excepcionalissimas que lhe foram transmitidas logo após a sua investidura no cargo de policia.

Um corpo de policia, para que possa corresponder aos fins para que é criado, tem de organizar-se com elementos cuidadosamente escolhidos.

Não deve recrutar-se para elle: primeiro, o homem que tenha dado provas de inimigo do trabalho, de beberrão incorrigível e com tendências parasitárias que o levam a buscar até na sórdida *viela*, onde o vicio mais asqueroso habita, os meios de subsistencia que honradamente encontraria exercendo com afino qualquer profissão; segundo, o homem que se apresenta desprovido de instrução, porque assim impossivel será transformá-lo, de boçal que é, num indivíduo de conhecimentos de que virá a carecer no exercicio das suas funções; terceiro, o homem que, pela sua má educação, publicamente demonstrada, não ofereça garantia de vir a ser, dentro da policia, o cidadão cauto e preparado com aquela diplomacia que, para vencer, para harmonizar, dispensa as armas que hão de pender-lhe da cintura; e, emfim, todo o homem em quem se não reconheçam certas qualidades de que dependerá a prática de actos que honrem a corporação em que vai dar ingresso.

Porque, senhores, a policia pode ser a causa de todo o bem ou de todo o mal, conforme fôr boa ou má a sua conduta.

Ao contrario disto, nós vemos todos os dias ingressar na policia muita gente indigna de lá estar.

Nós presenciamos que, em vez dum corpo de manutenção da ordem pública, nós temos, salvas algumas excepções, um corpo de manutenção da desordem, do mal-estar, do vexame, sem que haja alguém que faça entrar nos eixos esse pelotão de ociosos que se meteram na policia como quem, já alquebrado, gasto, incapacitado para o trabalho, se refugia num asilo.

Mas o pior é que elles, os policias que não sabem conduzir-se pela estrada do dever, nem tem quem os obrigue a entrar nela, são outros tantos meios de atrazo, outros tantos meios de ruina moral para a população vimaranense.

Podendo ser educadores, só fornecem maus exemplos, e o exemplo é a mais eloquente página a inserir nos livros que tratam de civilidade.

A nossa policia faliu por completo no conceito público. Em toda a parte se ouve dizer que é melhor acabar com ella. Da sua extinção resultaria para o municipio uma bela economia e a ordem pública continuaria a manter-se como se a policia ainda existisse.

De facto: percorrendo-se as ruas da cidade, em todas elas se ouvem, a cada instante, palavrões que nos estarrecem, sem que um policia surja para chamar á ordem os desbocados e desbocadas que livremente transitam por aí; também, se surge o desejado policia, nós temos de assistir a scenas de desrespeito que nos incomodam ainda mais, se é possivel, do que os palavrões.

¿Querem saber porque é que o desrespeito se manifesta assim diante do agente de segurança? Porque o policia, entre nós, está destituído de autoridade moral. E a autoridade moral é tudo; ella vale mais, muito mais, do que as pistolas e os canifalhos.

Ouve-se até dizer: o policia anda pela taberna com os delinquentes; o policia abusa das desgraçadas que habitam a *viela*; o policia poupa aos rigores da lei aquelles que da lei andam afastados por mercê especial etc., etc.; o policia, emfim, deve considerar-se um criminoso: — ¿como é que, por isso, pôde fazer bom serviço?

Será fastidioso alongarmonos mais em considerações que tenham por fim demonstrar que a nossa policia é má e não tem razão de existir tal como se comporta.

Prolongar-lhe a existência é concorrer para a desmoralisação pública.

Mas se querem que a nossa policia subsista, eduquem-na, exijam dela o cumprimento integral da sua missão.

Para bem da nossa terra.

Para honra de todos nós.

Manuel Maria.

flagrante injustiça, tanto mais que servem para aumentar-lhe o desconceito e a antipatia.

Guimarães é uma terra que tendo a pesar sobre si a tara do passado, não fazem nela, é certo, fácil carreira aquelas ideias de inovação politica e social. Há todavia *alguma coisa dentro dela que a redime de qualquer peccado venial que por vezes haja manifestado—como todas as terras minhótas...*

Assim, se nós tivéssemos fruido a ventura de, estando em Guimarães, oferecer o braço ao apostolisador dos «Sermões da Montanha», leva-lhe a ver a *cidade tradicional*, patenteando-lhe o entusiasmo com que sempre ella soube defender as suas prerogativas, e o culto de respeito que tem pelos seus monumentos e museus. Feito isto que julgamos dar uma medida exacta da sua porção de civilização, naturalmente estava indicado que mostrássemos a Tomás da Fonsêca a *cidade industrial* — e aí é que duma maneira flagrantissima lhe significariamos que o povo de Guimarães não é «um povo dominado por padres, afogado em igrejas e capelas», pois á evidencia se provaria que, mais do que as suas capelas e mais do que as suas igrejas, são as suas fábricas e oficinas, — como bem poucas ou talvez nenhuma terra de provincia se lhe compare! Se na vista geral da cidade o visitante, assestando a sua lente, depara com cruces de igrejas e com corucheus de tórres onde bamboam sinos chamando os «fieis» á missa e á catequese, também a mesma lente é obrigada a deparar com chaminés que distendem no espaço grossos róllos de fumo, enquanto as cirenes apitam chamando uma população densa á labuta activa do trabalho. São importantes e prósperas fábricas de fiação e tecidos, de pentes e niquelagem; é a industria dos cortumes e da cutelaria; são numerosas oficinas de calçado; são os populosos centros industriais do Pevidem, da Corredoura e de Ronfe; é, em suma, uma colmeia de labor, de progresso e de vida industrial a garantir, se não desde já uma aberta opinião republicana, pelo menos uma vontade, um esforço que o regimen, na preocupação de fazer o seu prestígio e a sua manutenção pelo engrandecimento do fomento nacional, por certo encontrará e utilizará; a despeito dos atuais prejuizos de opinião que nesse pedaço de terra portuguesa possa porventura deparar.

E porquê?

Era o que procurariamos desvendar, se em Guimarães estivessemos e a ventura nos proporcionasse oferecer o braço ao querido visitante Tomás da Fonsêca. Para o conseguir remontavamos á vida politica de há 20 anos, pondo assim em relêvo a razão de ser *francista* da maioria da gente de Guimarães. Porque é necessário que isto se diga e saiba:

¿A psicologia do *talassa* de Guimarães é diferente, pela sua origem, do *talassa* em geral! A *talassa fobia* que numa hora torva da politica nacional inundou de escuridão os horisontes da Pátria portuguesa merece, quanto á terra de Guimarães, um estudo e uma apreciação áparte...

Concluindo: Ao luminoso espirito, ao nobre cidadão Tomás da Fonsêca, queremos pedir que faça uma pequena alteração no seu conceito, ou seja esse que ao alto destas linhas se transcreve, pois em nosso modesto modo de ver melhor verdade e mais fiel justiça traduziria se desta forma o seu pensamento e a sua bôca se pronunciasse:

— *Vive aqui um povo que é mais de realidades que de aparências. Surja alguém que o saiba conduzir e elle dará de si os melhores exemplos!*

A. L. DE CARVALHO.

Do nosso director na «Montanha» do dia 22.

Foi-nos pedida a publicação do seguinte:

Grupo de Defeza Operária

Constituindo-se este Grupo, o fim a que se destina—como o seu titulo indica — é defender tudo quanto seja de interesse para as classes trabalhadoras em geral.

Todas as reclamações que seja preciso fazerem-se, em beneficio das mesmas classes, sejam ellas quais forem, este Grupo está disposto a faze-las. Para isso empregará todos os meios de que possa dispor—legais está claro—para as alcançar.

Feita uma reclamação, não se descansará um só momento enquanto se não conseguir o seu fim Alcançada uma, trata-se logo de outra, e assim sucessivamente.

Onde houver uma injustiça, contra a qual seja necessário reclamar, uma opressão e tirania a combater, este Grupo lá estará pronto para o fazer.

Aí fica exposto em breves palavras o nosso programa.

Vamos principiar hoje por fazer algumas considerações acerca dum facto que chegou ao nosso conhecimento.

Somos informados que a classe dos Barbeiros e Cabelleiros desta cidade, não está procedendo com correção entre si. Isto é, não está cumprindo as disposições da lei do descanso semanal.

Aqui em Guimarães, foi resolvido, que o descanso para os membros desta classe, fôsse ao domingo. Acontece porém, que alguns empregados nas barbearias, e mesmo alguns dónos delas, aos domingos de manhã vão servir alguns freguezes. Somos informados que alguns indivíduos com boa posição social, consentem que aos domingos de manhã, vão a sua casa barbeiros prestar-lhes os seus serviços. Também somos informados que dentro de uma associação de classe, desta cidade, aos domingos de manhã, se fazem barbas, penteiam cabelos e frizam bigodes. Ora esta associação é uma das que mais interesse tem em que a lei do descanso semanal seja cumprida rigorosamente, e já algumas vezes se tem manifestado para isso. Se é verdade o que nos informam, esta associação e outros estão atropelando a lei.

As autoridades competentes pedimos o rigoroso cumprimento da lei; porque sendo assim, é um abuso a que é preciso pôr termo, porque estes abusos, estão lesando uma classe em geral. As leis são feitas para serem cumpridas e não para ser letra morta.

O Grupo de Defeza Operária, está disposto a trabalhar a valer, para que todas as leis que interessem as classes trabalhadoras, sejam cumpridas rigorosamente, custe o que custar. Se fôr preciso voltaremos ao assunto. Vamos tratar de outros que há muito estão chamando a nossa atenção. Foi para isso que o Grupo de Defeza Operária se fundou e elle saberá cumprir rigorosamente a sua missão.

Guimarães, 24 | 9 | 1912.

(a) O Grupo de Defeza Operária.

EDITAL

A Comissão Concelhia de Administração no concelho de Guimarães:

Faz saber que no dia 11 de Outubro do corrente ano, ás 12 horas, na administração deste concelho, são arrematadas em hasta pública, sob as bases de licitação abaixo indicadas, os passais e residências paroquiais das freguesias seguintes:

Aldão, 9\$000; Arosa, 9\$000; Balazar, 30\$000; Barco, 9\$000; Briteiros-Salvador, 20\$000; Conde, 5\$000; Donim, 20\$000; Gêmeos, 30\$000; Gondar, 16\$000; Infias, 8\$000; Lobeira, 4\$000; Matamá, 5\$000; Pentieiros, 10\$000; Sande—S. Lourenço, 18\$000; Sande—S. Martinho, 8\$000; Serzedo, 18\$000; Silvares, 15\$000; S. Torquato, 16\$000; S. Sebastião, 50\$000; Lordelo, dando casa para escola, 50\$000; Tagilde, 25\$000 réis.

As condições dos arrendamentos acham-se patentes na administração do concelho, onde os interessados poderão examiná-las.

Guimarães, 18 de Setembro de 1912.

O Presidente da Comissão,

Abel de Vasconcelos Cardoso.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães

Faz público que, em sua sessão ordinária realisada no dia 17 do mês corrente, resolveu mudar a feira de cereais do lugar onde actualmente se realisa para o Campo da Misericórdia, desta cidade.

Que, esta resolução principia a vigorar desde o dia vinte e dois deste mês em diante.

E, para que ninguém alegue ignorância se publica o presente e outros de igual teor nos lugares do costume e estilo e ainda em um jornal da terra.

Guimarães, Secretaria Municipal, 19 de Setembro de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras

EDITAL

(1.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães

Faz público que, em sua sessão ordinária realisada no dia 24 do mês corrente resolveu:

Mudar a feira de alfaias agricolas do Campo da Misericórdia para o Campo de S. Francisco, desta cidade.

Mudar a feira de gádo sui-

TOMÁS DA FONSECA

Em Guimarães

«—Mal empregada terra em tais biatos!»

Póvoa de Varzim, 18 — Sempre grande e sempre bondoso quiz o querido evangelizador que é Tomás da Fonseca aproveitar e tornar úteis as suas férias de deputado da República, fazendo-se para isso de longada, por vales e montanhas, ao norte de Portugal. Do seu roteiro de viagem fêz parte também a terra de Guimarães, dando-nos de essa visita impressões descritivas nos números 15 e 17 de «A Montanha». Da leitura que fizemos dessas crónicas vertidas numa linguagem de narrativa singe-

la, mas brilhante e em que há harmonias redentoras falando ao coração dos simples e dos humildes, ficou-nos o pesar imenso de não ter sido em Guimarães o seu guia humilde—sem desprimor nem prejuizo da amável companhia do comum amigo sr. Justino Ferreira, sub-inspector escolar, que ali foi o seu cicerone obsequioso.

Máguia sentimos, sim, porque as impressões que o delicado perscrutador colheu da nossa terra sendo, como são, incompletas, resultam de uma

no e bovino do Campo de D. Afonso Henriques para o Campo da República do Brazil, no local onde costuma realizar-se a feira annual de S. Gualter e no largo fronteiro ao extinto Convento das Capuchinhas, desta cidade.

Que, estas resoluções principiam a vigorar passados três dias da data do presente edital.

E, para que ninguém alé-gue ignorância se publica o presente e outros de igual teor nos logares do costume e estilo e ainda em um jornal da terra.

Guimarães, Secretaria Municipal 26 de Setembro de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves,

Verifiquei.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.

EDITAL

(2.ª Publicação)

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães

Faz público que no dia 1.º de Outubro próximo, pelas 12 horas, no edificio dos Paços do Concelho e Sala das Sessões da Câmara Municipal, recebe propostas em carta fechada para fornecimento de géneros alimentícios e combustível, necessários para o Internato Municipal, adjuncto ao Liceu Nacional desta cidade, pelo tempo dum ano a contar da data da adjudicação.

As propostas serão formuladas conforme o modelo existente na Secretaria Municipal e as condições do fornecimento acham-se patentes ao público na mesma Secretaria em to-

dos os dias úteis desde as 10 às 16 horas.

E, para constar se publica o presente e outros de igual teor nos logares do costume e estilo.

Guimarães, Secretaria Municipal, 12 de Setembro de 1912.

O Escrivão da Câmara,

José Maria Gomes Alves.

Verifiquei.

O Presidente,

Mariano da Rocha Felgueiras.



Casa Penhorista Vimaranesa

Fundada em 1880

Rua da República, 144

GUIMARÃES

De harmonia com o Decreto de 1 de Outubro de 1900 e

Art. 6 das condições dos contractos:

Faz saber que no dia 20 e seguintes do mês de Outubro próximo, pelas 10 horas, serão arrematados em hasta pública todos os penhores que se acham abandonados por falta de pagamento dos respectivos juros.

Depois do dia 17 de Outubro não será aceite nenhum pagamento de juros em atraso.

Guimarães, 19 de Setembro de 1912.

Os Proprietários,

Peixoto & Rocha.

Tribunal do Comércio de Guimarães

FALÊNCIA

(2.ª Publicação)

Para os efeitos legais se anuncia que por sentença de

9 do corrente mês de Setembro, foi declarado em estado de falência Mariano Pinto Leite, comerciante, com estabelecimento na praça de D. Afonso Henriques, da cidade de Guimarães, sendo nomeado administrador da massa António Augusto de Souza Guise, solteiro, negociante, da dita cidade e curador fiscal a firma Oliveira & Irmão, Limitada, com séde na freguesia de Urgez, desta comarca, sendo fixado em sessenta dias o prazo para a reclamação dos créditos, prazo que começará a correr da última publicação do presente anúncio.

Guimarães, 10 de Setembro de 1912.

O escrivão do comércio,

João Joaquim de Oliveira Bastos.

Verifiquei.

Moreira Sampaio.

Ao Chic da Moda

DE

Camilo Alves de Almeida

12, P. D. Afonso Henriques, 13 (Antigo Tournal)

GUIMARÃES

Modas, fazendas brancas e miudezas. Especialidade em panos brancos, rendas e bordados para enxovais. Chá preto e verde.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: **ANTÓNIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA**

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão

78, Rua da República, 80

(ANTIGA RUA DA RAINHA)

GUIMARÃES

Papeis pintados para forrar casas

Estabelecimento de vidraria e ceriaria, óleos, tintas, vernizes, vidros, cera em velas e muitos outros artigos pertencentes ao mesmo ramo

Camilo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanifícios

DEPÓSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

Abílio d'Almeida Coutinho 113, Rua da República, 115

Solicitador encartado

Guimarães

Tem sempre capitais para colocar sobre hipotecas ou letras.

Compra e venda de papeis de crédito, mediante uma diminuta percentagem sobre as cotações da Bolsa do Porto.

Compra e venda de prédios urbanos e rusticos, para o que há sempre pretendentes. Transacções sobre direitos e heranças.

Sobre todas estas operações, de que está encarregado, guarda-se segredo profissional, tratando-se sómente com os interessados.

ALVORADA

Ao Cidadão